

Quanto custa a felicidade?

Sociologia

Enviado por:

Postado em:27/12/2010

Dinheiro traz felicidade? Responder a essa pergunta não é missão das mais simples. Como se mede o intangível? Cientistas do mundo todo há anos se debruçam sobre a questão.

Já houve pesquisa que afirmasse categoricamente: sim. Divulgado em 2006 por especialistas da Universidade de Nottingham, no Reino Unido, o estudo constatou que 97% das pessoas que ganharam na loteria se consideravam mais felizes depois do prêmio. Uma leitura mais atenta, no entanto, derruba a tese do dinheiro em si como motivador dessa sensação de bem-estar, provida muito mais pelas consequências da estabilidade financeira. Um exemplo? Passar mais tempo com a família, citado por 44% dos entrevistados. Sim, nesse caso a grana “comprou” o tempo livre. Teria sido ela a grande responsável pela felicidade. Sim e não. Mais recentemente, há um consenso entre os cientistas de que a renda é fundamental até certo ponto. Até US\$ 35 mil por ano (cerca de R\$ 63 mil/ano, R\$ 5 mil/mês), há uma relação fortíssima com a felicidade. De US\$ 35 mil a US\$ 75 mil (R\$ 135 mil/ano, R\$ 11 mil /mês) a correlação existe, mas é baixa. A partir desse grau, não faria nenhuma diferença. Ou seja, ele influencia até o ponto em que garante o atendimento das necessidades básicas, que vão além da alimentação e moradia. Lazer e segurança, por exemplo, também entram nessa conta. “Em um mundo capitalista, é claro que dinheiro tem importância”, decreta a socióloga e consultora de finanças pessoais Glória Maria Garcia Pereira, autora de *A Energia do Dinheiro*. Ema, emma, emma No ambiente consumista em que vivemos, os desejos são ativados de forma inconsciente. “Nos baseamos no comportamento do vizinho. Está tudo bem, mas se ele troca de carro, começa a disparar em nosso cérebro que precisamos também”, diz Glória. É neste tipo de desejo que a confusão entre riqueza e felicidade começa. “Dinheiro não traz felicidade nem infelicidade. É uma energia de troca, assim como o amor, o afeto. Se você estiver sozinho em uma ilha deserta e cheio de dinheiro, ele perde o sentido. Quem não sabe fazer trocas, fica infeliz.” Ado, ado, ado Olhar para si mesmo e descobrir o que é essencial é o caminho para a vida financeira e emocional equilibradas. Entender como as emoções influenciam nossa relação com o dinheiro é o primeiro passo dessa caminhada (veja box na página 7). Para o psicólogo e psicoterapeuta Dionisio Banaszewski, o equilíbrio está no respeito aos limites. “A relação entre dinheiro e felicidade está muito mais voltada ao espírito da pessoa e à forma como ela encara a vida. É viver no seu quadrado. Tudo que extrapola causa infelicidade.” Uma soma Outra boa pista sobre os motivos desses resultados vem ao cruzá-los com as pesquisas do psicólogo americano Martin Seligman, da Universidade da Pensilvânia. Ele concluiu que a felicidade é a soma de três coisas diferentes: prazer, engajamento e significado. Prazer é o mais palpável. É aquela conhecida e gostosa sensação de quando comemos algo de que gostamos, dançamos uma música boa, fazemos sexo ou conversamos com um amigo querido. Engajamento, a profundidade do envolvimento com a família, o trabalho, o amor e os hobbies. Significado é a sensação de que nossa vida faz parte de algo maior. Não precisa necessariamente ser ligado à religião, mas ao altruísmo, à criação dos filhos ou à sensação de que sua vida é importante para uma grande causa. “O dinheiro é tremendamente necessário para dar prazer, pouco poderoso para o engajamento e nada poderoso para entender o significado da vida”, diz o doutor em finanças comportamentais Jurandir Sell de Macedo Junior. O problema começa aí. Dos três caminhos para a satisfação pessoal, o prazer seria, segundo

Seligman, o menos importante. Prazeres Já para Epicuro, filósofo que viveu na Grécia no século 3 antes de Cristo, a felicidade vem justamente do prazer. Mas não o hedonismo. Ele dividia o prazer em três tipos: naturais e necessários; naturais, mas não necessários; e nem naturais nem necessários. Alimentar-se, por exemplo, é natural e necessário. Mas comer demais ou coisas requintadas, não. Novamente, o excesso é visto como uma forma de desequilíbrio. A chave para a satisfação, segundo o filósofo, estaria em cultivar os prazeres simples. Além disso, ele defendia que a felicidade é fruto da amizade, liberdade – como uma tradução de autonomia – e de uma vida autoanalisada. Simples, mas difícil na sociedade de consumo. Já naquela época, Epicuro destacava a propaganda como inimiga da satisfação plena. “É preciso lembrar todos os dias que queremos mesmo é ter amigos e ser livres. Senão a gente dispersa”, afirma o diretor do curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Jelson Oliveira. Outro mantra a ser repetido diariamente: dinheiro é um meio, não um fim. Quem deixa que ele mande, sofre. “Sabe aquele brinquedo cuja caixa traz a inscrição ‘pilhas não incluídas’? A criança ganha e não pode brincar. Dinheiro é um brinquedo sem pilha. Deveria vir escrito ‘felicidade não incluída’”, compara Oliveira. Feliz por decreto A Comissão de Cidadania e Justiça do Senado Federal aprovou em novembro a chamada PEC da Felicidade. O texto, de autoria do senador Cristovam Buarque (PDT/DF), inclui a “busca da felicidade” entre os direitos fundamentais do cidadão como emenda à Constituição. O projeto segue para votação no plenário do Senado, e, se aprovado, vai para a Câmara dos Deputados. A proposta inclui a busca da felicidade como direito básico da população. Caso seja aprovada, o artigo 6º da Constituição ficaria assim: “são direitos sociais, essenciais à busca da felicidade, a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados”. “A PEC sintetiza todas as expectativas da sociedade, os direitos sociais. Quem tem acesso a todos esses direitos inegavelmente tem condições de ser uma pessoa plenamente feliz”, afirma o presidente da Associação Nacional do Ministério Público Criminal (MPCRIM), Augusto Rossini, um dos apoiadores da proposta. Quando sugerida, a PEC recebeu diversas críticas. Seus defensores dizem que ela foi mal interpretada e que a proposta não pretende transformar algo subjetivo como a felicidade em lei, mas dar condições a todo cidadão de buscá-la a partir do atendimento de seus direitos básicos. “Mais do que ter previsto na Constituição que tais direitos são deveres de nosso Estado, queremos fazer com que ele assuma a responsabilidade por oferecer condições básicas para que seus cidadãos busquem a felicidade com dignidade, a partir de um ponto onde todos são iguais e têm as mesmas oportunidades para partir rumo a essa busca; a felicidade como norteadora de políticas públicas”, declarou Mauro Motoryn, idealizador do Movimento Mais Feliz. Além da PEC, o movimento levanta a discussão sobre a adoção de algo paralelo ao PIB, como o FIB (Felicidade Interna Bruta), levando em consideração o bem-estar e a satisfação do cidadão. Essa discussão, apoiada pela Organização das Nações Unidas (ONU), busca parâmetros menos econômicos e frios de medição do grau de desenvolvimento de uma nação. No lugar dos números apresentados pelo Produto Interno Bruto (PIB), um modelo de mensuração que levaria em conta o grau de bem-estar, de satisfação, de felicidade da sua população. Vários países têm estudado a questão (leia ao lado). Saiba mais... Dinheiro e emoção Geopolítica da felicidade O “ser ou não ser” do dinheiro Nas telas Esta notícia foi publicada no dia 25/12/2010 no sítio gazetadopovo.com.br. Todas as informações nela contida são de responsabilidade do autor.